

Lições Sobre a Psicose¹

Marcus André Vieira

O corpo e o Vestido: O arrebatamento de Lol v. Stein

O que a Lol faz é justamente trazer para dentro da cena algo que não se escreve. Não entra na cena. Esse é o grande impasse para ela e depois a solução. Imaginamos esse esquema e essa coisa que não se escreve como um olhar. O nome-do-pai nos olha, é um ponto no infinito, como vimos². A Lol vai fazer uma outra coisa. Ela vai inserir o olhar na cena. Por isso é interessante.

Lol V. Stein e o Arrebatamento

Lol ou Lola é uma moça de vinte anos que vai para o baile das debutantes no cassino da cidade balneária no verão na França é um momento muito especial em 1964. Ela vai para, naquele momento, ser apresentada à sociedade e conhecer o noivo para se casar. Os dois estão no baile. Então, entra uma mulher muito magra e muito branca usando um vestido preto, com a filha. Eles se olham, o Michel (namorado de Lol) e a Ana Marie e se dá então o arrebatamento. Michel é arrebatado por Anne Marie e ela arrebatada por ele. Ele tira Anne para dançar enquanto Lol fica a noite inteira paralisada. Ele nem diz nada o novo casal se formou. Enfim, acaba a orquestra bem como o baile e Lol fica ainda assim paralisada, a mãe vem buscar. Lol tem de ser arrancada a força do local e ela vai para casa completamente desmaiada. Depois disso, ela fica, aproximadamente 10 anos, num estado semi-letárgico.

O dia que ela resolve sair avista um homem na rua. Ela começa a o seguir (ele sabe que ela é a Lola que foi abandonada na frente de toda cidade). Eles fazem um certo percurso e ela caba voltando para casa. Ele entra com ela, dá-lhe um beijo e a pede em casamento. Depois eles têm que se mudar por conta de trabalho. Eles ficam deis anos nessa outra cidade ela cria três filhas. O marido a adora porque de certa forma ela faz tudo que ele quer, sendo uma espécie de "corpo sem alma". Até o dia que eles voltam para a primeira cidade também por conta de trabalho.

Então, um dia em um passeio ela encontra Tatiana uma amiga dela que naquele dia do baile ficou de mão dada com ela sendo sua grande amiga. Lola é loira e branca enquanto Tatiana é branca e morena. Lola vê Tatiana beijando alguém que ela reconhece como uma amante de Tatiana. Lola acompanha aquilo tudo e se agita, não sendo mais aquela mulher no ar. Ela dá um jeito de ir à casa da Tatiana bem como de ficar sozinha com o Jacques Hold que é o amante de Tatiana. Ele é amigo da família e acaba montando todo um filme que é o seguinte.

Ela consegue fazer que o Jacques e Tatiana se encontrem num Hotel que fica na beira da cidade, no final. No final tem um campo de centeio dourado. Ela fica no campo de centeio deitada olhando o quarto do hotel de onde pode ver que os dois estão transando. Jacques sabe que ela está no campo. Ele olha e vê uma espécie de mancha. Ele sabe que ela não vê nada, na verdade ela não vê nada, como voyeur.³ O principal é que eles (Tatiana e Jacques) tenham prazer ou especificamente ele o Jacques Hold. Ele estava à beira de largar a Tatiana. Ele desejava a Tatiana porque sabe que a Lol estava olhando. Então o Jacques que já estava próximo de abandonar a Tatiana é tomado por um novo ímpeto amoroso. Eles transam enquanto a Lol fica no campo.

Então há a primeira cena do Baile, o arrebatamento, e Lol sendo arrebatada. Temos um período de "latência", depois temos a cena que resolve o problema. Resolve em termos, pois parece que ela vai voltar para o campo de centeio e a resolução vai continuar. Mas o fato é que, apenas depois que houve a cena que ela vai com o Jacques Hold para o cassino onde tudo aconteceu e consegue voltar àquele local sem tristeza. Ela tem uma espécie de delírio essa hora e depois diz: - "Eu vou para o campo de centeio"

¹ Quarto Seminário do Curso Lições Sobre a Psicose da EBP-Rio, ministrado em 13 de setembro de 2007.

² Lembrem-se do Platão e do Aristóteles alguma coisa no infinito os olhava e os organizavam. A grande estrada, por exemplo. No final da estrada alguma coisa nos olha e nesse olhar nós nos organizamos, mas esse ponto que nos olha está necessariamente fora da cena. No caso do delírio ficou algo parecido. "Eu sou a mulher de Deus" alguma coisa organiza, pois no futuro haverá a cópula.

³ A crítica que Lacan faz é fica-se pensando que ela quer reviver a cena em que ela foi roubada construindo uma cena agora onde ninguém é roubado. É como se ela voltasse para restaurar a cena. Vamos pensar que é uma outra montagem. É uma espécie de recriação, mas não para ela ver um homem e uma mulher.

Então podemos ter. Ela ficou delirando a vida inteira ou depois ela ficou indo ao campo de centeio. Vamos ficar com esse final. Agora ela já pode ter uma amante, ou seja, ela já pode ter prazer. Tentemos montar.

Lol, corpo e vestido.

Vamos tomar o tema do vestido. O vestido que é toda uma questão na história. A chave da história é que ela foi arrebatada e nisso ela perde alguma coisa. Ele perde quase que o próprio ser. E depois quando ela vai construir uma solução esta passa necessariamente pela nudez de Tatiana. A frase que ela repetia era "Nua sobre os seus cabelos negros" (Tatiana tem uma cabeleira negra que vai até a cintura) e alguma coisa se estabiliza nessa montagem que sustenta a idéia de que alguém está nu sobre o vestido negro.

O que aconteceu na cena do baile é que ela ficou nua, completamente nua sem vestido. O arrebatamento, o desespero dela no baile é, repentinamente, não ter mais nada. Porém, poderiam dizer. Como ela não tem mais nada se ela tem o próprio corpo. Não. É preciso entrar no clima do que seria uma menina de 19 anos que vai ser apresentada a sociedade. É uma impossibilidade de ser qualquer coisa no baile. Marquerrite Duras traz essa força. Aquela roupa vai compor um personagem e ao tirar essa roupa não tem ninguém. Esse é o ponto do arrebatamento. Não é que eu vou ficar muito feia sem o vestido. Não. Eu não vou ser. Esse que é o radical.

Na psicose podemos imaginar essa situação de forma mais concreta sem tais e tais dispositivos e equipamentos e bijuterias a pessoa não é. Angústia avassaladora. Para aproximar-nos um pouco desse caminho a nós usamos um pouco o feminino. Porque o feminino pode ser o oposto de certa maneira à bengala. O que essa bengala faz é: Eu tendo essa marca estou em comunicação com o poder em outro lugar. Esse poder de outro lugar assegura que dentro de mim tem alguém. Do ponto de vista masculino, a bengala é entendida como a marca de uma falta. É quase impossível imaginar ficar sem nada. Pode tirar tudo de mim, mas eu tenho ao menos a certeza de que alguém sabe dizer quem eu sou. Ao se retirar a certeza e agora se me tirarem as vestes talvez eu não saiba, mas que eu sou.⁴

O que seria essa história dessa certeza de que se tem alguma coisa? A certeza de que se tem alguma coisa é dada pela certeza de que você não tem alguma coisa. Não é isso o que falamos ao abordar o assunto da bengala. É isso que dá uma certa estabilidade para homem, talvez monótona. Ele é aquele que tem o falo imaginário, mas por isso mesmo ele não tem o gozo. Porque o gozo está no Outro. É bem concreto isso, pois ele vive com um pedaço do corpo que nunca se sabe se vai funcionar ou não. Às vezes sim e às vezes não e talvez por isso costuma-se dar outro nome para esse pedaço. É outra coisa, não é exatamente meu.

Isso diz muito sobre a falta, isso é o furo. Se há alguma coisa dele da qual não se tem certeza, tudo funciona. O resto todo eu tenho certeza. Tudo está em relação aquilo. O tal daquele gozo, aquilo difícil de pegar, está ali. Eu nunca consigo o gozo absoluto porque ele é limitado por um outro gozo. Nunca se pode gozar completamente porque "meu pai não passou direito para mim as ferramentas", pro exemplo, mas sempre tem a idéia de aquilo ali não funciona completamente então para alguém deve funcionar por isso que o primeiro ainda não funciona completamente porque ainda não chegou ao nível do outro. Isso é ruim porque sempre estarei tentando alcançar outro

⁴ Pensem nos dias de hoje que estamos um pouco afastados do pai o que seria o corpo. Pensem que o corpo hoje as fronteiras não estão tão claras assim. Se eu fizer tal e tal tatuagem, se eu tiver silicone. Isso de se poder adicionar e moldar o corpo faz com que o corpo fique um pouco confuso. Tantos órgãos transplantados tantos aparelhos no meu ouvido isso começa a fazer parte do meu corpo. "Sem celular eu não sou ninguém", por exemplo. Essa idéia de onde está o corpo fica complicada, ao se tirar tudo. Um sujeito sem isso não saiba dizer se tem alguma coisa ali, algo muito parecido com a Lol.

gozo, mas é interessante pelo sentido de que se pode saber os seus próprios limites. Pode-se saber quando ele vem e dessa forma estabelecer algumas regras. Não é absoluto, pois só se adentra algo que não seja absoluto. Agora se esquecemos essa história de falo imaginário acarreta uma certa deslocalização do gozo. Não sei onde ele tá. Terá que eleger um furo qualquer no corpo para que ele fique ali. E com a ajuda de alguém que vai saber tocar exatamente ali, e somente com ele. É um aprendizado uma construção para localizar esse gozo. Mas pode dar errado, pode mudar e fugir para outro lugar. Por isso que Lol é um personagem feminino, com vestido.

Estamos falando de uma outra relação com o gozo e com a própria vida. Como a vida é sempre limitada. Outra relação é a vida que pode ser qualquer coisa e ela pode estar em qualquer lugar em todo lugar. É preciso então uma espécie de ancora. É isso que o vestido, o baile, e o Michel davam para a Lola. É a ancora mais clássica. Não muito na castração⁵. Nesse caminho é preciso alguém que segure, defina e diga que o gozo é comigo. Porque os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? É por isso. Porque se ela não fizer amor, ela vai poder fazer com qualquer um o tempo todo. Daí não vai conseguir. Então eleger o objeto de amor faz com que o gozo seja apenas com ele. Tira esse objeto agora o gozo pode ser com qualquer coisa até em sonhos, qualquer lugar.

A mancha?

Esquemáticamente ficaria.

Havia Vestido, havia Lola e havia Michel. O vestido aqui deve ser entendido como uma metáfora para o próprio corpo. Lola é o que ela é nua em sua essência. E por isso que é terrível... O que será? Essa coisa tem um vestido e no que ela se liga a esse vestido cria-se um belo corpo. E agora ele não assusta mais. Graças à ação do Michel esse vestido delimita um corpo, ou esse corpo é porque está em baixo de um vestido. O jogo entre véu e nudez institui alguma coisa. Retira-se o Michel, não se pode saber se ela é alguma coisa em baixo daquele vestido. Em baixo dele pode ser qualquer coisa. É justamente isso que acontece na cena do baile. O Michel vai embora.

O que é o vestido? Se o namorado está, o vestido cobre alguém. Se o namorado não está o vestido é um monte de pele que não cobre nada porque não se sabe o que tem lá. A outra mulher... Ela é A Mulher (com m maiúsculo). Enquanto Lol é um resto, na sarjeta. Então ela só tem corpo sobre o vestido se o Michel estiver lá. Não pensem que necessariamente isso é ruim, tem suas vantagens.

Falta acrescentar um detalhe. Isso tudo acontece em público. É o caminho clássico. Uma mulher elege o olhar de um homem para estabilizar o fato de que aquele vestido que ela veste esconde a melhor mulher do mundo. Esconde uma mulher porque ele gosta dessa roupa, ou gosta desse decote. No mundo de Freud, uma mulher só é uma mulher no mundo dos homens se ela tem um marido. Qualquer coisa assim. Agora vejamos

Ela vai se sentir sendo alguém se tiver o olhar do marido desejante em relação a ela e para o mundo. Para ela não vai funcionar apenas o uso do vestido no Hotel, algo restrito. Isso tem que ser publicado. Não importa o conteúdo, é uma estrutura. São quatro elementos se não tiver esse olhar, o olhar do mundo verificando essa montagem, ela não vai funcionar. Então se ela quer prova de amor, "Me mostre". Mas, "me mostre me olhando para o mundo". Uma espécie de mostre seu desejo não apenas no Hotel, mas no público. A montagem reside aí.

O arrebatamento de Lol é ao tirar o olhar de Michel no momento trivial de sua apresentação à sociedade. É claro que com outra pessoa poderia ter acontecido diferente. Ao se tirar o olhar ela poderia ter procurado outro, mas acontece que tem

⁵ Lacan chama de castração a partir de Freud.

uma conjunção que não deu para fazer nada. Esse é o momento de perda da própria substância. É a partir daí ela vai montar a outra cena. A outra cena vai ser análoga a esta. Parece uma coisa perversa, mas pensem um pouco mais depuradamente.

De um lado teremos os cabelos negros de outro vestido, depois a Tatiana, e depois, de uma certa maneira, a própria Lola. Depois teremos o Jacques Hold, desejando a Tatiana, mas esse corpo precisa do olhar do público. O olhar no público é apropriado para Lola no campo de centeio. E o Jacques sabendo que ela está olhando. Lembrem-se que eu falei que a montagem inseriria o olhar na cena. Essa montagem inteira fez com que aquela coisa que estabiliza a cena também faz parte dela como furo.

Lacan fala isso com todas as letras. Ele tem um texto: Homenagem ao Arrebatamento de Lol Stein, Outros Escritos. Ele fala justamente que todo o jogo serve para montar um nó. Ele chama a montagem de um ser a três. Quando Lola tem esse ser a três, ela tem texto, portanto, é alguém. Porque ela pode, por exemplo, vir a ocupar o lugar da Tatiana. Ela pode até eventualmente ficar no lugar do Jacques Hold, desejar uma mulher. Ela pode virar cabeleireira. Enfim, ela pode fazer muita coisa e essa estrutura se mantém para ela, se ela for constantemente atualizada. Precisou de uma série de coisas para poder construir isso, precisou encontrar a Tatiana, não seria outra mulher. Precisou que a Tatiana tivesse uma relação de desejo meio proibida. Precisou que isso acontecesse num quarto de Hotel.

Porque precisou disso tudo? Nós nunca vamos saber. Estão lá os traços da Lola. Nós temos que acompanhar e conseguir ver que uma montagem é possível e que essa montagem produz a possibilidade do desejo, da respiração.

E onde está o sujeito? O sujeito está na montagem. Caso contrário ficaríamos muito essencialistas ao pensar que o fato é corporal do tipo "Quando alguém juntar duas pessoas transando e um olhando de fora temos sujeito". Não. Isso é uma estrutura, isso pode se sustentar com coisas não precisa ser pessoas. O corte do romance é que é feito para ser pensado com pessoas o que lhe dá muito mais força. Mas visando nossos trabalhos, nossas oficinas, nossos psicóticos de hoje. Podemos pensar que alguma coisa tem que fazer uma espécie de olhar do público, outra coisa tem que fazer a função do vestido, um imaginário qualquer de corpo. Esse imaginário de corpo tem que se reunir com alguma coisa de uma nudez de um gozo, real difícil de dizer, mas se ficar só os dois não dá certo. Tem que haver um intermediário, esse intermediário pode ficar como o lugar do sujeito e tem que ter um olhar. Isso seria uma receita de como fazer um sujeito, como fazer um texto estável, como estabilizar um corpo.

Pensem então o nosso corpo como uma montagem desses elementos dos quais estamos falando aqui. Não tem corpo sem olhar no fundo. Num certo sentido, é preciso esse olhar. Esse olhar tem que estar incluído no próprio corpo. Se perder esse contato com esse olhar seu corpo começa a navegar. Uma ilha deserta, por exemplo. Seria uma forma desse olhar do Outro se afastar. Se ele se afasta muito, algo estranho acontece. Mas não só o olhar, mas também é preciso um parceiro. Um de um lado o parceiro que dá o vestido então, eu e ele podemos ter também o vestido, desde que o Outro me olhe. E alguma coisa entre nós faz o papel de mediador.

Pensando isso não apenas em termos de gente, pensem isso em termos de montagem. Uma outra estabilização de corpo, quadro ou texto que não é pelo nome-do-pai. Não é exatamente remetendo a um além, pois não é o mesmo além do Aristóteles e do Platão. Tem um além nessa montagem, mas ele faz parte da cena. A gente não vai ficar pensando que esse olhar no fundo pode ser qualquer coisa não. Vai ter que ter alguma coisa que está presente. Pelo menos se fazer presente.

Pergunta inaudível.

A tese é muito forte. Para a gente pensar a psicose. Não tem nada do sujeito

no fundo porque quando juntar público, vestido, imagem corporal e presença do Outro, uma parceiro que faz a espécie de um mediado. Aí eu terei um sujeito. Lacan diz o sujeito está no nó. Quando tiver o nó é que teremos alguém. Alguém no sentido de nesse nó pode estar aqui no meu bolso, uma vez dado esse nó pode-se respirar. Caso contrário se fica a deriva como a Lol, nem na completa angústia. Fez-se de algum modo o meu furo no mar, eu posso navegar. Então sujeito é isso uma possibilidade de navegação.

Normalmente consideramos que o sujeito é dado, mas isso só funciona num contexto onde haja o nome-do-pai. Porque quando se tem o nome-do-pai sempre tem algo que falta dizer de modo que tem sempre algum sujeito. Lembrando que sujeito para Lacan é o que falta dizer e não o que foi dito. Sujeito é o que eu não sei dizer de mim. Isso no esquema masculino está sempre presente, agora passa para o esquema feminino ou para o esquema psicótico ou passa para a pós-modernidade. Tirando o nome-do-pai não se tem tanta certeza dessa fala que nunca vai ser dita. Precisa-se montar um aparato para que isso seja.

Pergunta inaudível

O esquema clássico é: Precisa de um olhar. Porém esse olhar é o olhar em si como diz Lacan. É a presença de um olhar. Por exemplo, quando estou andando na rua e tem uma janela apagada, mas aberta. É como se alguém tivesse me olhando. Outra coisa é a visão. Então o Michel sustenta a visão. Por exemplo: "eu estou te vendo." "Nós estamos sendo olhados". Ele é o único que me enxergar, diria Lol talvez. Porque esse tem um olhar certo para me dizer que sou eu mesmo embaixo desse vestido. A função Michel é essa. E que é a função do desejo.

Antes de encerrar, gostaria de falar sobre o tema do território. Falamos de território é um termo muito utilizado sem muita precisão. Porque não pensar que, para ter um território, há de se ter esses elementos de que falamos. Vamos pegar alguém que a gente sabe que tem um território ali no CAPS. Vamos procurar o que pra ele representa isso que dá pra ele uma espécie de espelho. O que desenha pra ele um corpo e o que desenha para ele a função do furo. Talvez possamos ver o que pode dizer o que é um território. Mas se não houver isso o território não tem limites. E se ele não tem limites ele é o mar. O território não é a solução a não ser que a gente possa dizer onde termina o território. Não e nada rígido. A vantagem do termo território é justamente esse "não é nada rígido é virtual". É virtual, mas com um fim em algum lugar. Não pode ficar o tempo todo em constante mutação. Com isso a vantagem é essa: vamos pensar como se estabiliza um território assim como se está dizendo o modo como se estabiliza um corpo, um texto, um quadro. A Lola nos ensina como se estabiliza um território corporal.

Para terminar. Eu fiquei pensando no seguinte. Nós estamos falando de um ambiente onde as coisas não estão muito estabilizadas. Porque falta esse nome-do-Pai ou falta alguma coisa que dá estabilidade, um furo. Não deve ser a toa que as pessoas nas nossas cidades gostam de soltar pipa. Pode-se ficar impressionado com a quantidade de pipas que as pessoas fazem. Aquelas pipas todas que saem do morro. Podemos pensar que isso também é uma maneira de estabilizar alguma coisa. Aquela pipa me olha. É colocar um olhar na cena. Que tal pensar que aquilo ali é um território subjetivo porque alguma coisa naquela pipa me olha. A pipa é muito mais para que ao soltá-la (imaginando que algum olhar possa ver) pode-se chegar a casa e ser. Posso me sentir um menino. Tem toda uma montagem da cena que coloca desejo nela porque alguma coisa olha lá em cima bem como vimos em Lol V. Stein.

O Problema da análise interminável.

Imaginem que há uma norma de pensar o inconsciente e o processo de uma análise que Freud chamou de bloco mágico e que Lacan trabalhou muito bem como Derrida. Já apresentamos essas idéias basicamente ao dizer o seguinte: Eu teria meus traços que são uma espécie de bateria de traços dados pela contingência absoluta que me fez e eu não tenho como dizer deles porque eles funcionam como uma espécie de grade de leitura do mundo. Então, quando me encontro com o retrato da rainha Vitória montada sobre um cavalo sendo segurado por um cavaleiro, essa grade reage. Mas eu não posso dizer em que ou como sou tocado porque isso aqui só funciona como um aparelho de leitura, um aparelho de escrita, um sistema, uma estrutura. Então, é a conjugação dos pequenos detalhes da vida que fazem o sujeito ser o que é e não uma relação de causa e efeito (meu pai me bateu por isso eu sou assim). Chegamos à concepção do bloco mágico.

Clinicamente isso dá numa análise interminável. Porque nunca se fecha a constelação. Para fechar a constelação eu teria que os elementos da constelação, mas eu não tenho. O que eu possuo são apenas coisas que me restam. O que Lacan quer mostrar é que há algo nessa grade, uma espécie de bateria básica. Esses traços que eu nunca vou saber quais são e que serão tocadas dadas as circunstâncias e que passarei a vida tentando nomeá-los porque que são inomináveis. Então o trabalho seria esse tentar escrever de uma maneira melhor o que não se pode escrever.

Seria possível então colocar para dentro da cena alguma coisa do real desses pedacinhos? Como são traços escritos em mim pelo Outro antes que eu possa falar de mim só posso pensar neles retroativamente como um ponto cego. Nunca se para de procurar e uma hora é possível que se desista de procurar ao entender que não se acha, mas nunca vou parar de trabalhar no sentido de poder dizer alguma coisa sobre eles. Agora se você traz para dentro alguns desses traços e eles puderem ter alguma presença, teremos uma espécie de esgotamento da constelação. Isso que ele chama de objeto a e que na nossa metáfora são as pedras.